O Ponto de Partida do Cristianismo; Sistema Sacramental; Ceia do Senhor; Transubstanciação

De: Cartas 2
por John Nelson Darby

* * * Acredito que o pão continua sendo simplesmente e absolutamente pão, e o vinho, vinho — que, fisicamente, não há qualquer mudança nos elementos.

Buscar coisas materiais e físicas em uma instituição tão preciosa do Senhor é, a meu ver, uma maneira pobre e miserável de encará-la. Tenho um retrato encantador de minha mãe, que me lembra dela exatamente como ela era. Se me falassem da tela ou da coloração, sentiria que aqueles que falaram assim não sabiam nada sobre isso. Essa não seria minha mãe. O que é precioso nele para mim é minha própria mãe; e eles desviam minha atenção dela para os meios empregados para trazê-la de volta para mim; e a razão é que eles não têm ideia do que minha mãe significa para mim. O retrato não tem valor, exceto na medida em que é uma boa representação daquela que não está lá. Eu digo: é minha mãe. Eu não poderia jogá-lo fora como um mero pedaço de tela; eu discerno minha mãe nele. Eu aprecio este retrato; eu o carrego comigo; mas se eu parar na perfeição da pintura como obra de arte, o elo com meu coração se perde.

Há mais do que isso na Ceia de nosso Senhor, porque o Senhor está realmente presente conosco nela, espiritualmente, de acordo com a intenção da instituição; e isso é muito precioso. Mas aprouve a Ele nos dar um meio físico pelo qual possamos ser lembrados dEle, de modo que estou autorizado a falar de um retrato a título de comparação. Tenho ainda mais autoridade para repelir a ideia de qualquer mudança física no pão e no vinho, visto que o Senhor disse, em **João 6, que você citou: "O Espírito vivifica; *a carne* para nada aproveita"**.

Os versículos deste capítulo, no entanto, que falam de **comer** Sua **carne e beber Seu sangue**, ***não*** falam de forma alguma da Ceia do Senhor, mas de Cristo: Estou, não digo persuadido, mas certo disso. **A ceia fala** daquilo

de que o capítulo fala; mas o capítulo não fala da ceia – o símbolo – mas da coisa simbolizada.

Isso é perfeitamente evidente; basta ler o capítulo para ver.

Se a aplicação que foi feita à ceia estiver correta, então nenhum dos que dela participaram estaria perdido, e aquele que não tivesse participado estaria perdido, seja ele quem for; e aqueles que participassem dela não apenas seriam abençoados, mas seriam eternamente salvos. (Ver versículos 53 e 54.) Além disso, o Salvador diz que é de Si mesmo, **descido do céu**, que Ele fala **(não da ceia)** — da mesma Pessoa que ascenderá onde Ele estava antes, no céu. **(Versículos 35-41, 48, 51, 58-62.)**

A Ceia apresenta Cristo em apenas uma dessas condições, mas naquela que é, por assim dizer, **central:** ela nos apresenta um **Cristo morto**; mas este fundamento de tudo, esta verdade preciosa, que poderia ser um motivo até mesmo para o próprio Pai amar a Cristo – este fato de ser um Cristo morto que nos é apresentado – é a prova de que não poderíamos ter um Cristo vivo apresentado a nós nos elementos. **Isso seria negar o estado de morte e destruir o objetivo e a intenção da instituição**.

Esta **instituição** nos apresenta a morte de Cristo – um Cristo morto – Seu corpo partido e Seu sangue derramado; mas **não existe** um Cristo morto.

Ele deseja que **nos lembremos dEle**: "Fazei isto em memória de mim"; mas não falo da lembrança de Cristo **vivendo no céu**.

Eu vivo por Ele; Ele é a minha vida; eu desfruto de comunhão com Ele; eu habito nEle; Ele habita em mim: não há separação. Se, por minha loucura, a comunhão for interrompida, não se trata de me lembrar Dele, mas de estar com Ele novamente **— com um Salvador que se manifesta a nós,** algo que Ele não faz ao mundo.

E vejam aonde esses pobres católicos romanos (e eu os amo muito) foram levados por sua explicação materialista

desta preciosa instituição. Eles desejam que ela seja tomada segundo a letra ("a letra mata"); então, tiram, no sentido literal, o sangue; não bebem o cálice: e isso é muito importante, porque o fato de o sangue estar fora do corpo é o sinal da morte — da obra eficaz de Cristo; somos reconciliados, justificados pelo sangue.

Para compensar essa perda, eles ensinam que o corpo, a alma, o sangue e a divindade de Jesus Cristo estão em [cada um dos] dois tipos. Ora, **se o sangue está no corpo**, não há redenção; sem que eles saibam, seu sacramento é um sacramento da não realização da redenção.

Este é o efeito da **materialização** desta instituição. Não há maior prova da maneira como Satanás zomba dos homens, quando estes **abandonam o Espírito** pela carne, do que este fato, que é o centro do sistema católico romano.

Afirmo categoricamente que a Eucaristia deles é um sacramento, não de redenção, mas de não redenção. Se me disserem que muitos entre eles pensam no Salvador, na eficácia de Sua morte, alegro-me em acreditar; mas para isso precisam abandonar o materialismo de seu sistema em favor dos pensamentos de fé. Pensam, então, no sangue derramado e o bebem; pensam em um Salvador morto e em um corpo partido, e realmente comem Sua carne.

Satanás não conseguiu, neste caso – bendito seja Deus! – esconder da fé deles aquilo que lhes é negado na forma à qual tanto valorizam.

É a mesma coisa em **João 6 e no capítulo 3**, onde se diz que **nascemos da água**. Se isso se aplica ao batismo, então nascemos de Deus pela água.

É o mesmo sistema em todos os lugares — um sistema que o inimigo introduziu na igreja para destruir a necessidade e o poder de uma obra real no coração e reduzir o cristianismo ao nível do **judaísmo;** isto é, a **uma religião de formas**, acrescentando a essas formas a pretensão, que não se encontra nem mesmo no

judaísmo, de conferir ao homem aquilo que somente o cristianismo lhe dá. O batismo [dizem eles] nos proporciona aquilo de que fala João 3, enquanto se diz **(João 15)** que somos **purificados pela palavra; "a lavagem da água pela palavra" (Efésios 5:26)**, que revela *o Verbo vivo, morto e ressuscitado por nós.*

Agora, diminuímos com isso a importância ou a doçura desta instituição?

Muito pelo contrário; **impedimos sua materialização** e insistimos que a realização espiritual, ou aquilo que ela representa, esteja no coração, em vez daquilo que é chamado de opus operatum , que é puramente material.

Estamos unidos a um Cristo glorificado; este é o ponto de partida: **não há mais um Cristo morto; a morte não tem mais domínio sobre Ele**.

Desfruto da comunhão com um Cristo glorificado; sou um com Ele; serei como Ele. Eu me alegro; meu coração está cheio de amor ao pensar em vê-Lo, na esperança da glória de despertar à Sua semelhança. Devo, portanto, esquecer Sua morte e Seus sofrimentos? Deus me livre!

É precisamente isso que nos liga a Cristo pelos mais ternos afetos. Lá onde Ele teve que sofrer e fazer tudo, Ele estava sozinho; meu coração pelo menos estará com Ele. Ele não me pede para ser um com Ele lá; eu não poderia ter sido. Ali, Ele se dispôs a ficar sozinho – bendito seja o Seu nome! – e Ele realizou tudo. Mas o coração que se entregaria por mim ali é o mesmo que pensa em mim agora e que me ama. **Ao recordar a Sua morte**, o Seu amor, os Seus sofrimentos, o que direi? – divinos embora humanos! Estou unido em coração a Ele ali, onde Ele está, no alto; não é outra pessoa, outro amor. **Seja na ceia, onde O recordamos de uma maneira tão peculiar e tocante, seja em outros momentos, quando penso na Sua morte, quando O como morrendo por mim, estou em comunhão com Ele vivo e reconheço o amor dAquele que vive – esse mesmo amor, esse mesmo coração do Salvador; eu habito Nele, e Ele em mim**. Não se diz

exatamente: **"Fazei isto em memória" da minha morte, mas "de mim". ** Ainda O recordamos na Terra, na Sua encarnação, na Sua vida de humilhação e, finalmente e especialmente, como morto na cruz. Eu me lembro dEle! — não dEle nos céus, mas dAquele que vive no céu como um dia humilhado e morto por mim: há também uma certa ação do coração — nós comemos.

Em João 5, o Filho de Deus vivifica quem Ele quer: aqui (cap. 6) comemos o pão descido do céu; comemos Seu corpo e bebemos Seu sangue.

É de suma importância compreender que se trata de um Cristo morto, que neste estado não existe mais, porque não podemos ter qualquer relacionamento com um Cristo vivo na Terra.

Se, mesmo como judeus, tivéssemos tido esse relacionamento, teríamos sido obrigados a dizer com Paulo:

"Embora tenhamos **conhecido Cristo** segundo a carne, **agora, contudo, já não o conhecemos mais". A morte** pôs fim a todas as relações de Cristo com o mundo, segundo a carne, e Ele vive agora como Cabeça de uma nova raça — o segundo Homem. Assim, então, em João 6:53:O Senhor estabelece, como condição necessária para a vida, o comer de Sua carne e o beber de Seu sangue — recebendo-O em Sua morte.

Por isso, nos lembramos dEle **antes de Sua ressurreição**; **estamos unidos a Ele, como vivos, após Sua ressurreição**; como Ele disse: **"Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto". Assim, nossa união é com um Cristo glorificado;** não O conhecemos **de outra forma**: mas a mais poderosa fonte de afeição para o coração é um Cristo, homem no mundo, e um Cristo morto.

Sou nutrido por isso; eu o como e vivo por isso, mas se quisermos trazer de volta, por assim dizer, um Cristo tal como Ele foi neste mundo, como presente, **anulamos completamente a intenção desta instituição** e até

mesmo **o próprio cristianismo**. Cada vez que comemos este pão e bebemos este cálice, anunciamos a morte do Senhor até que Ele venha; mas se introduzirmos um Cristo vivo para animar este morto, por assim dizer, nós O destruímos.

Por que então se diz: ***"Não discernem o corpo do Senhor?"*** Que corpo? **Seu corpo morto**. Um amor perfeito, Sua obra consumada, uma obediência que não foi detida por nenhuma dificuldade, apresentam-se aos nossos olhos!

Existe algo mais ali além de um corpo morto?...

Se sim, não sei onde estou, nem ***o que significa a ceia***.

Não a anime com a vida que Cristo tinha antes da morte: Sua obediência ainda não estava consumada, nem Sua obra consumada, nem Seu amor perfeitamente demonstrado.

Não a anime com a vida de um Cristo agora ressuscitado: você O tira de mim como morto; a morte não está mais lá **— a morte que é a base da salvação, a prova da obediência, a glorificação de Deus.** Não tire de mim **esta morte**, este **corpo partido**, **este sangue derramado para sempre, que me diz que tudo está consumado e — pelo amor do meu Salvador — que o pecado foi removido para sempre.** Se puder me levar a compreender ainda mais firmemente o que é precioso neste Salvador morto, na morte dAquele que é o Filho eterno de Deus; Se puderes fazer-me comê-Lo com mais fé, mais espiritualidade, com mais inteligência divina, mais coração — ah! Serei muito grato a ti; **mas que seja meu Salvador morto o que me resta!** Quando se está em comunhão com Ele vivo, não há nada tão precioso quanto Sua Morte; sim, preciosa até mesmo para Deus. **"Por isso meu Pai me ama, porque dou a minha vida para retomá-la."**

Para minha inteligência espiritual, é o fim, ou melhor, a prova e a consciência de que **me livrei do primeiro Adão**; **que a primeira criação não existe mais —** bendito seja Deus! — **para a fé: para o coração, é o**

terno e perfeito amor do Salvador. ***Não sou mais judeu nem gentio, nem um homem vivendo na terra; sou cristão***. A morte de Cristo, Cabeça de tudo, pôs fim à primeira criação. Ele nos introduziu em **uma nova criação como primícias unidas a Ele.**

Discernimo, então, o corpo do Senhor, mas o corpo do Senhor partido — Seu sangue derramado — Sua morte.

Não se trata de uma refeição comum, uma simples lembrança, se preferir, **mas de uma instituição que Cristo concedeu aos Seus;** não para que encontrem nos elementos **algo mais** que o pão e o fruto da videira, mas para que sua fé possa, da maneira mais doce, pelo poder do Espírito Santo, nutrir-se por Jesus, **por aquilo que Ele foi para eles quando morreu na cruz — uma obra cuja eficácia permanece eternamente, mesmo aos olhos do Pai, mas cujo amor é todo para nós.**

Se trato este memorial **com leviandade**, sou culpado do corpo e do sangue do Senhor, **pois é esse corpo** e esse sangue que me são apresentados **nele.**

Duvido que haja alguém no mundo que desfrute da Ceia do Senhor mais do que eu (embora não duvide que haja com muito mais piedade); mas o que me faz apreciá-la é que ela me apresenta o corpo e o sangue do meu Salvador morto e, consequentemente, um amor perfeito e uma obra perfeita.

Mas Ele não pode estar em Seu corpo morto, **que eu discerno ali pela fé.** Ele está em mim, para que eu possa desfrutá-Lo; se Ele for apresentado vivo, aquilo que eu deveria discernir deixa de existir.

Tudo isso está relacionado **ao fato da posição inteiramente nova do Cristo vivo** — uma doutrina que Paulo nos apresenta com tanta energia divina, e que o inimigo sempre procurou esconder, mesmo sob a forma de piedade, e por cuja preservação Paulo tanto lutou. Que angústia ele sofreu com os esforços do inimigo para atrair almas de volta ao judaísmo, como se ainda vivessem no mundo! **"Vós estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus."**

Que Deus nos dê discernimento ainda maior **sobre o corpo de Jesus** — que comamos a Sua carne e compreendamos melhor a Sua morte! Sim: esta morte é preciosa.

Ela nos encontra em nossa necessidade exatamente como somos, e nos liberta dela, introduzindo-nos onde Ele está, no poder de **uma nova vida** que, por Sua morte, ***desconhece a antiga***.

Já lhe escrevi bastante. De bom grado, eu poderia me estender sobre este assunto, pois, em vez de menosprezar a ceia do Senhor, ela é, de todas as instituições, a mais preciosa para mim; só que, para ser assim, é preciso que um Salvador morto me seja apresentado nela. Estou vivendo com Ele agora no céu.

Há outro aspecto — **a unidade do corpo** — que não abordei, embora seja **um aspecto precioso da verdade desta instituição do Senhor;** mas está fora da sua questão. Espero que você possa, pelo menos, compreender o fundamento do meu pensamento, embora eu escreva com muita pressa.